

Ter o sangue português é carregar no peito o peso da História e a glória de um povo que desbravou mares e venceu o impossível. É ouvir o eco dos versos de Camões nas ondas do Atlântico, que ainda hoje sussurram os versos dos *Os Lusíadas* a quem souber escutar. É saber que, em cada linha escrita por Luís Vaz de Camões, pulsa a alma de um povo que não se curva, mas se ergue, por entre tormentas, para mostrar ao mundo que Portugal é mais do que um lugar: é uma nação. Camões cantou o engenho e a bravura dos navegadores, mas a epopeia portuguesa não terminou com os Descobrimentos. Ela renasce em cada geração, com heróis que trocam as armas pela palavra, o leme pela esperança, a caravela pela coragem. Gente como Aristides de Sousa Mendes, que desafiou a tirania e o totalitarismo com a força de um gesto humano, salvando milhares em nome da dignidade; ou como Amália Rodrigues, que fez do fado um hino universal, levando na voz o pranto, a saudade e o orgulho de uma nação.

Ser português é viver com saudade no peito, mas com a esperança de um futuro melhor. É ter no sangue o sal dos oceanos e nos olhos a vastidão do mundo. Em cada canto da Terra onde há um português, há também um fragmento de Portugal pelas avenidas de Paris, nas ruas de Zurique e nos bairros do Luxemburgo. Os emigrantes portugueses são novos navegadores: partem com pouco, mas levam consigo tudo o que somos – o trabalho árduo, a palavra firme, o sorriso generoso, a fé no amanhã. Eles erguem Portugal além-fronteiras, enfrentando as dificuldades da distância, o frio da ausência, o silêncio da saudade. Porém, não recuam. Constroem, lutam, cantam, resistem. E, no brilho dos seus olhos, há sempre um Tejo, um cravo, uma varanda com roupa ao vento. Eles são o prolongamento vivo da nossa Pátria, combatendo a adversidade com o mesmo ímpeto que guiou Vasco da Gama até à Índia e fez de Fernão de Magalhães o primeiro a circundar o globo.

O valor de ser português está na memória dos que ficaram e na paixão dos que já não estão entre nós. Está nos campos do Alentejo e nas ruas de Nova Iorque. Está na poesia de Sophia, no Nobel de Saramago, no fado de Mariza, nas vitórias de Cristiano Ronaldo. Está nas escolas, nas fábricas, nos hospitais,

nos palcos e nas praças. Onde houver um português digno e de pé, aí estará Portugal. Somos poucos, mas somos grandes. Somos pequenos em número; no entanto, vastos em alma. E não há distância que apague o nosso vínculo. A cada dia, os filhos de Portugal, espalhados pelo mundo, provam que a nossa bandeira não é só tecido – é sangue, suor e sonho.

É Camões que vive em cada um de nós, não apenas nos livros, mas na vida que levamos e nos valores que defendemos. Ser português é herdar o mar, mas também a montanha. É conhecer a dor, mas também a festa. É carregar o passado com honra e o futuro com esperança. É ser parte de um povo que, por mais que se espalhe, nunca se perde.

Porque em cada coração português bate a certeza de que Portugal não é só um lugar no mapa, é um modo de estar no mundo.